

25 MAR 1999

DF - invasão

Invasor revoltado queima barraco

Funcionários do GDF retiraram 105 moradias em Brazlândia. A Polícia Militar levou 90 soldados, mas apenas 15 foram necessários

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Marina e Marilu Teixeira vão caminhar 28 quilômetros para pagar uma promessa ao Divino Pai Eterno. Elas são quase da mesma idade, por volta dos 50 anos, e vão cumprir o compromisso revoltadas. Pagarão pela vitória de Joaquim Roriz e Edmar Pirineus (PMDB) nas eleições. Mas estão decepcionadas. A ilusão desmoronou quando viram chegar 90 policiais militares para a derrubada de 105 barracos na invasão onde moravam, na quadra 1, setor Sul de Brazlândia.

O sol ardeu durante a manhã inteira, tornando mais penosa a tarefa de desmanchar barracos. Mas, de longe, tudo parecia tranquilo. Os moradores tomaram a iniciativa de arrancar telhas de amianto e tábuas de madeirite com cuidado. Sob o olhar dos soldados. Tranquilidade só aparente.

"Ontem fui no Palácio Buriti, convidar o governador para pagar a promessa comigo. Cheguei às 9h e saí às sete da noite, sem comer. E não pude falar com ele. Eu vi Roriz chorar lágrimas falsas, mostrando durante a campanha eleitoral um telão com derrubadas de barracos no governo Cristovam", relata Marina. Ela diz que tentou falar com o governador para reverter a notificação que recebeu, terça-feira, para abandonar a invasão em 24 horas.

Marina não conseguiu nada. Os barracos foram para o chão. "Estou horrorizada com tanta destruição." E as duas irmãs vão ter que fazer a divina caminhada. "O santo não tem nada com isso. Prometemos, temos que pagar." Elas vão sair de Brazlândia em julho, para a fazenda Bucaina. Uma festa religiosa em Goiás, "pros lados de Padre Bernardo".

Os invasores da quadra não acreditavam no que viam. No meio da ma-

Nehil Hamilton



Moradores incendiaram paredes de madeirite, camas e colchões. Mulheres desmaiaram e homens choraram

nhã, quatro barracos foram incendiados pelos próprios moradores. "Toquei fogo em tudo. Cama, colchão, tudo o que é meu", assumiu o lavador de carros e funcionário temporário do SLU Nilton Rocha de Almeida, 30 anos, sem temer os policiais que imediatamente o cercaram. "Estou revoltado. Nasci no Hospital de Base. Estava morando aqui há cinco meses porque não posso pagar aluguel. Não tenho onde morar."

Mulheres desmaiaram, homens

choraram de raiva. As crianças passeavam atônitas no meio dos escombros. Os invasores da área pública sentiram-se enganados. A auxiliar de enfermagem Alcécia Alves de Oliveira, 53, exibiu uma foto antiga, onde aparece abraçada com Joaquim Roriz. "Ele foi lá em casa muitas vezes. Não acredito no que estou vendo. Ele nos prometeu tanto..."

Aparecida, uma dona-de-casa de 40 anos, gritava no meio da rua. Não chegou a terminar de dizer tu-

do o que queria. Desmaiou antes. Tremendo. "O povo vende o voto. Porque não tem instrução. Os políticos chegam pra uma mãe de seis filhos e oferecem um lugar pra morar. A mãe não vai aceitar? Como, se não tem pra onde ir?" - berrava, provavelmente falando dela mesma. Justificando a si mesma. Minutos antes de cair. As vizinhas lamentaram. "Pobre Aparecida. Tem seis crianças."

Com uma barriga de sete meses,

Elieide Oliveira de Almeida, 26 anos, afirma que procurou o deputado Edmar Pirineus para tentar evitar a derrubada. "Tem gente morando aqui há quase um ano. O deputado apoiou a invasão. E agora sumiu."

A assessoria do governador Joaquim Roriz considera que o povo entendeu mal a mensagem de campanha e que nunca foram feitas promessas de distribuição de lotes. Que o compromisso de governo está sendo cumprido: fazer remoção de invasões sem usar a violência.

O gerente do Serviço de Vigilância Integrada do Uso do Solo (SivSolo), major Esmeraldo de Oliveira, considera que o governo está conseguindo manter a palavra. "As pessoas foram notificadas e cerca de 15 famílias deixaram os barracos por conta própria no mesmo dia em que foram intimadas. Hoje, chegamos com 90 soldados, mas, devido ao clima tranquilo, 30 minutos depois do início da operação apenas 15 policiais foram necessários para apoiar os órgãos do governo."

O deputado Edmar Pirineus diz que nunca apoiou a invasão de Brazlândia. Pelo contrário. "Sempre fui contra invasões. E o governo tomou a atitude correta em retirar." Ele acentua que a invasão da quadra 1 é recente - "começou já no segundo turno das eleições" - e prejudica o meio ambiente. As notificações distribuídas terça-feira alegam que os invasores poluem o Córrego Pulador, afluente do rio Descoberto.